



**INFORMATIVO**

**O TUIUTI**



**ÓRGÃO DE DIVULGAÇÃO DA ACADEMIA DE  
HISTÓRIA MILITAR TERRESTRE DO BRASIL/RIO GRANDE DO SUL (AHIMTB/RS)  
- ACADEMIA GENERAL RINALDO PEREIRA DA CÂMARA -  
E DO INSTITUTO DE HISTÓRIA E TRADIÇÕES DO RIO GRANDE DO SUL (IHTRGS)**

**520 anos do Descobrimento do Brasil - 440 anos da União das Coroas Ibéricas - 270 anos do Tratado de Madri - 180 anos da Maioridade de Dom Pedro II - 150 anos do final da Guerra do Paraguai - 90 anos da Revolução de 1930 - 75 anos da vitória da FEB na Itália**

**ANO 2020**

**Outubro**

**Nº 359**

## **AINDA SOBRE A REVOLUÇÃO DE 1930**

### **CAPITÃO ATTO CORRÊA FRANCO**

***A saga de um 1º Tenente de Infantaria na luta contra o ataque dos revolucionários ao quartel do 7º Batalhão de Caçadores em Porto Alegre no dia 03 de outubro de 1930***

Publicado pelo jornal Correio do Povo em abril de 1971, e de acordo com o livro ROCHA ALMEIDA, Antonio da, General. Vultos da Pátria. Porto Alegre: Globo, 1961, p. 293.

**General Antônio da Rocha Almeida**

**H**á uns quinze anos, pelas colunas desta folha, o brilhante poeta e jornalista Paulo de Gouveia relembra o que fora, dentro dos muros do velho quartel do 7º de Caçadores, na Praça Argentina, a resistência heroica

“em que um bravo e jovem tenente, fiel ao governo constituído, não hesitou em sacrificar a vida - seus vinte e tantos anos de vida - morrendo heroicamente, de armas na mão, em defesa da praça que lhe fora entregue e a seus companheiros”.

Mais que justo é, pois, que se venha pagar hoje uma dívida de gratidão, de reconhecimento e de saudade ao grande amigo, com a publicação desta coluna - com quase treze anos de duração e só interrompida pela desgraça imensa que atingiu seu autor - a curta biografia, porque curta foi também sua vida, de um dos mais dignos oficiais da República, amigo e colega nos bancos ginasiais e na academia militar.

Nasceu Atto Corrêa Franco a 10 Dez 1900, na “cidade heroica” de Jaguarão, Rio Grande do Sul, e faleceu em Porto Alegre, em estado de solteiro, aos 29 anos, oito meses e 25 dias de idade, a 4 de outubro de 1930.

Era filho de Aroldo Passos Franco de Souza, notário em Pelotas, e de dona Vicentina Rodrigues Corrêa Franco, ambos de Jaguarão. Neto paterno do dr. João Franco de Oliveira e Souza e de dona Tomásia Passos Franco e materno de José Vicente Corrêa e de dona Maria Carolina Rodrigues Corrêa. Foram seus irmãos, nascidos todos em Jaguarão: Alice Corrêa Franco, a 24 Set 1890, viúva do Coronel Médico do Exército dr. Paulino de Melo Dutra, com sucessão; Alaíde Corrêa Franco, a 9 Jan 1898, viúva do maestro e professor André Raffo, com sucessão; José Vicente, a 15 Jul 1897, falecido em 4 Ago 1898; Aida, a 25 Set 1903, solteira; Aluysio, a 18 Mar 1906, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, casado com dona Gilda Du Pasquier Silveira, com sucessão; Ademar, a 20 Out 1908, médico, jornalista e oficial-general da Reserva do Exército, casado com dona Teresinha Saldanha, sem sucessão; Adilia, a 21 Ago 1911, casada com o dr. Jorge de Souza Soares, sem sucessão; Alcino, a 4 Jun 1914, bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais, casado com dona Rosina Pires Corrêa, com sucessão.

De natural quieto e obediente, estudou as primeiras letras na casa paterna, matriculando-se a 27 Fev 1910, no Ginásio do Espírito Santo, em sua cidade natal. O velho educandário era fundado e dirigido pelos cônegos premonstratenses (de Premontré, Aisne, França). Em fins de 1914 – dizem que por lhes ter sido cortada a subvenção estadual, por motivos políticos – fechava o Ginásio, para reabrir na cidade de Jaú, São Paulo. Decidiu, então a família que o menino se transferisse para a Capital do Estado, destinado ao colégio dos Jesuítas, o mais acreditado da cidade. Aliás, seu pai, que fora notário em Guaporé – onde prestava notáveis serviços ao novel município na primeira administração do dr. Vespasiano Corrêa – exercia igual cargo em Jaguarão e acabava de ser nomeado para Pelotas.

Chegado a Porto Alegre, Atto foi morar, inicialmente com a família do sr. Porfírio Barbachan, negociante de couros que fora em Jaguarão e que acabava de se transferir para a Capital. Pouco depois, mudava-se para a casa de seu tio - Harmódio Franco, despachante da Alfândega, no arrabalde de Teresópolis.

A 1 Mar 1915 efetuava matrícula no II Ano do Ginásio Anchieta, dos Padres da Companhia de Jesus, onde foi aluno bastante aplicado, classificando-se sempre nos primeiros lugares em sua turma e tendo merecido menção honrosa em Francês, Aritmética, Geografia, Matemática, História Universal, Latim e Desenho. Em 1918 conquistava o bacharelado em Letras, numa turma de 21 alunos, dos quais 11 hoje desaparecidos. Com ele concluíam naquele ano o Curso de Bacharelado em Ciências e Letras: Luiz Leseigneur de Faria, Antônio da Rocha Almeida, Luiz Dias Campos, Oscar Passos, Gastão Mostardeiro, Vitor Hugo Ludwig, Januário Chagas Franco, Ottorino Frasca, Leônidas Soares Machado, Waldemar da Silva Job e os já falecidos (1961) Clóvis e Cícero Itaquí Trindade. E ainda, Vitorino e Liberato Soares Pinto, Fernando Chagas de Carvalho, Oscar Bernardo Pereira, Humberto Wallau, Aldo Chagas Franco, Custódio Vieira da Cunha e Zeferino Amaro d'Ávila Silveira. No quadro de formatura figuram, além do diretor padre Ângelo Contessotto, dois homenageados de honra, os professores P. P. Júlio Pötter e Maximiliano Krause. O lema da turma era: "Quod durum patifuit meminisse dulce est"<sup>1</sup>.

Com o diploma do curso secundário completo, firmado pelo saudoso General Manuel Teófilo Barreto Viana, diretor do Instituto Ginásial Júlio de Castilhos, onde eram prestados os exames finais, seguiu Atto para a então Capital da República. Chegado ao Rio, foi residir com alguns amigos, também candidatos à Escola Militar, em modesta pensão da Rua de Maranguape n° 15, na Lapa. Mudávamos todos, depois, para o Realengo, indo morar na Rua do Costa n° 10, onde fundamos a "Gaúcho República". Dirigia a "república" Eduardo Martins Müller, que cobrava as mensalidades - tirando no fim do mês (diga-se de passagem) de seu "bolsinho" para completar o aluguel de 60\$000 porque alguns "se esqueciam" de dar sua

---

<sup>1</sup> Ou "Quae fuit durm pati meminisse dulce est" - O que é ruim de passar é bom de lembrar.

contribuição - e se encarregava de todos os trabalhos internos. Todos lhe obedeciam e a coisa ia andando bem.

Finalmente foi fixado pelo Estado-Maior do Exército o número de vagas e a 29 Abr 1919 éramos matriculados na velha Escola Militar, sediada na estação Realengo, da Estrada de Ferro Central do Brasil. A denominação foi tirada do antigo engenho real, cuja abreviatura – chegamos a ver a placa recolhida à residência do agente da estação – era Real Eng°. No fim de 1919 escolhia nosso heroico biografado a Arma de Infantaria e em 1921 era matriculado no Curso Especial.

A 7 Jan 1922 concluía-o, pelo Regulamento de 1919, numa turma de 203 companheiros das quatro Armas, sendo declarado Aspirante a Oficial de Infantaria. A turma que, em 1919, começara com 332 alunos – o número de “bichos” era maior que o de veteranos – estava bastante reduzida. A turma de 1922, sempre muito unida, publicava, em 1957, excelente álbum comemorativo, recordando, com a fotografia de cada um, todos os seus componentes e prestava uma especial homenagem ao velho comandante geral Eduardo Monteiro de Barros, junto à sua sepultura. Com seus colegas Eduardo Martins Müller, Silo Furtado Soares de Meireles, Sérgio Meira de Castro (o Big-Boy) e Calimério Nestor dos Santos Filho – não tendo este chegado a vir para o Sul, por ter tido sua classificação retificada para uma unidade do Norte – era o aspirante Atto classificado no 9° Regimento de Infantaria, sediado na cidade de Rio Grande. Com permissão para passar por Jaguarão, apresentou-se o jovem oficial à nova unidade à 3 Fev 1922. A 29 de abril seguinte, era promovido ao posto de 2° tenente e, por portaria de 5 Mai 1922, classificado na mesma unidade. Com ela tomou parte nas Grandes Manobras de Saican, dirigidas pelo general Maurice Gamelin, chefe da Missão Militar Francesa e assistidas pelo ministro da Guerra, engenheiro João Pandiá Calógeras. Ali contraiu grave pneumonia, com hemoptises, sendo forçado a recolher-se à sua sede. Ele era o porta-bandeira do Batalhão. Em dezembro de 1924 tinha o Regimento um batalhão destacado em Pelotas. De vez em quando um oficial ali se desentendia com o comandante e era recolhido à sede do regimento, como aconteceu certa vez com o tenente Cícero de Góis Monteiro. Foi designado para substituí-lo o tenente Eduardo Martins Müller, que havia meses tinha contraído núpcias com dona Diva Obino Maurell e estavam esperando o primogênito do casal – hoje uma das figuras de maior projeção na vida financeira do País e conceituado professor militar – que recebeu, na pia batismal o nome do pai. Atto, solteiro e muito amigo sempre do tenente Müller, apresentou-se para ir em seu lugar. Embarcou no dia 10 para Pelotas e, realmente, logo a 30 Jan 1925, nascia Eduardo Emílio, trazendo os prenomes do pai e do avô materno.

A 28 Fev 1926 era (o Ten Atto) posto à disposição do Estado-Maior do Exército, para efetuar matrícula na Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais. Com ordem de embarque imediato, a 15 de março apresentava-se ao Comando da Escola, cujas aulas frequentou com dedicação, e o entusiasmo de sempre, concluindo o Curso, a 31 Dez 1926, com grau 7.426, em um dos primeiros lugares da turma. Por isso, em 1927, o Comandante da Escola Militar do Realengo, General Constâncio Deschamps Cavalcanti, o convida para auxiliar de instrutor de Infantaria do estabelecimento. O tenente Atto foi, como consequência, foi transferido para o Quadro Suplementar. Exigente e disciplinado, fez-se, no entanto, querido por seus alunos, alguns hoje generais-de-Exército, permanecendo no cargo pelo período regulamentar de dois anos, sendo dele dispensado a 31 Jan 1929. A 12 Mar seguinte o Ministro da Guerra, General Nestor Sezefredo dos Passos, assinava sua classificação no 9° Regimento de Infantaria, já então com sede em Pelotas. Transferindo-se para aquela guarnição era, a 16 Out 1929, retificada essa classificação para o 7° Batalhão de Caçadores, sediado em Porto Alegre.

Já naquela época, conturbada para a vida da República, agitada a nação pelas lutas políticas que vinham de 1922, Atto dedicava sincera admiração por seus companheiros exilados Gilberto Oscar Virgílio de Carvalho, Antônio de Siqueira Campos, Djalma Dutra, Alberto Oronce Guérin, João Alberto Lins de Barros (que Eduardo Müller hospedava em sua

residência) e tantos outros, e sempre que ia a Jaguarão com eles se avistava, do outro lado, auxiliando-os com frutas, objetos de uso e até dinheiro.

Atto nunca hostilizou o movimento revolucionário que irrompeu na tarde de 3 de outubro de 1930, que lhe custaria a vida, pela arraigada fidelidade ao juramento proferido ao assentar praça, de defender a ordem e as instituições. Somos disso testemunha, quando certa manhã no Comitê Central pró-candidatura Getúlio Vargas, instalado nos altos da Livraria Americana, ele apareceu à procura do dr. José Diogo Brochado da Rocha, segunda pessoa depois de seu Presidente dr. Joaquim Mauricio Cardoso, pedindo para alistar-se. Atendemo-lo e ele poucos dias depois recebia, com a tradicional cadernetinha de couro vermelho, o título de eleitor, assinado pelo juiz dr. Esperidião de Lima Medeiros, que sua família ainda conserva com tanto carinho. E, nas eleições de 1º de março, seu voto foi conosco, na chapa da Aliança Liberal.

O que aconteceu sete meses depois era natural: em seu espírito de soldado disciplinado e correto, uma coisa era a ideia política e outra o dever militar.

Era também do conhecimento de todos nós, que Atto Franco, oficial do Exército ativo e auxiliar de instrutor de nossa academia militar, ia semanalmente visitar, no quartel da Polícia Militar, seu amigo e conterrâneo dr. Ildefonso Simões Lopes, deputado federal que, em defesa da própria vida e na de seu filho Luis, fora obrigado a tirar a de seu colega da bancada pernambucana, dr. Manuel Francisco de Souza Filho. Sua família guarda com orgulho a carta que aquele parlamentar escreveu ao tenente Atto expressando-lhe os agradecimentos pela nobre atitude assumida.

A 20 Nov 1929 apresentava-se ao 7º BC, comandado pelo distintíssimo e bravo coronel Benedito Marques da Silva Acauan, concunhado do dr. José Antônio Flôres da Cunha, um dos líderes da campanha de pregação dos princípios da Aliança Liberal.

Vem, então, o capítulo final de sua grande vida. O querido amigo e confrade dr. Moisés Vellino, em recente artigo sobre “O nome para uma praça”, nos recorda, em seu estilo brilhante e com sincera saudade: “...O 7º resistiria! Ali não haviam de prevalecer nem mesmo as normas militares que permitem, em casos extremos, uma capitulação honrosa”.

Na tarde de 3 de outubro de 1930 irrompia, na Capital do Estado, o movimento liberal revolucionário, contra o governo do honrado Presidente Washington Luis Pereira de Souza. Às 17 h era atacado o QG da 3ª Região Militar, quando o dr. Osvaldo Aranha prendeu, depois de forte resistência – onde perdeu a vida o major Otávio Cardoso e foi gravemente ferido Francisco Brochado da Rocha, acadêmico de Direito e que viria a ser Presidente do Conselho de Ministros da República – o Comandante da 3ª Região Militar - General Gil Antônio Dias de Almeida e seu chefe de Estado-Maior Coronel Firmo Freire do Nascimento. No Morro do Menino Deus lutou até a morte o bravo capitão Jaime de Argolo Ferrão, depositário do nome e das tradições de heroísmo do Marechal Visconde de Itaparica.

Ao cair da noite, ainda resistia na Praça do Portão, onde se ergue a figura fidalga do Tenente-General Conde de Porto Alegre, perpetuada no mármore, o 7º Batalhão de Caçadores, tendo à frente o modelo de cidadão e de soldado, que foi o Coronel Benedito Marques da Silva Acauan, brilhante oficial de Estado-Maior, engenheiro militar e bacharel em matemática e ciências físicas. A unidade de prontidão, seus oficiais se revezam na permanência no quartel. Atto, solteiro, não o abandona nunca. Como 1º tenente antigo, comandava a 3ª Companhia.

Mais tarde, escreveríamos no “Correio do Povo” que, convencidos da inutilidade da resistência do 7º fomos com o amigo comum Tenente Herschell de Proença Borralho, procurar o velho companheiro, para convencê-lo a sair do quartel, como já haviam feito o Dr. Maurício Cardoso e seu próprio irmão acadêmico Aluysio Corrêa Franco. Ele veio atender-nos, no portão, e nos disse:

*“Vocês parecem que não me conhecem! Eu não me rendo. Que importa que outros ou façam. Vou morrer aqui dentro”.*

E abraçou-nos como se fosse a despedida final. E realmente o era. Pouco depois caía ferido mortalmente. Mais da metade de sua companhia, abandonando seus postos, saía pelo portão principal e depois, fechado este, pelo lateral, acompanhada pelos próprios subalternos da Companhia, Tenentes Luis Marques Barreto Viana e Poncalino Cardoso da Silva, com quem Atto se atracou, em violenta luta corporal. De nada adiantou. Numeroso destacamento rebelde, com poderosas armas automáticas, e até a artilharia do destemido Capitão Alcides Gonçalves Etchegoyen, cercava o quartel. O armamento portátil era utilizado, apesar de o Tenente Manuel Parmênio da Silva ainda ter conseguido recuperar, com a grande habilidade que sempre o caracterizou, algumas armas automáticas. A água e a luz haviam sido cortadas.

Atto, depois de ter tentado inutilmente impedir a saída do que restava de sua companhia, estava pouco depois de nosso último encontro, no portão do quartel, a hostilizar a tropa atacante naquele setor. Aquele já se achava fechado de ordem do Comandante e a tropa se escoava pelo portão lateral, encimado pelos dizeres “Si vis pacem para bellum”. Voltou a seu gabinete de comando e quando se achava pronto a remunciar sua pistola automática, muito exposto – junto à janela que dava para o Beco do Oitavo, hoje Avenida Desembargador André da Rocha – recebeu uma rajada que lhe atingiu a abóbada craneana.

Estava a 3ª Companhia sem comandante, quando se apresentaram os Tenentes Milton Batista Pereira e Janito Telles Ferreira, digníssimos oficiais do Batalhão, que, cientes da situação geral na cidade, não hesitaram em deixar a dispensa em que se encontravam, para irem cumprir seus deveres de soldados. Ao primeiro, determinou o Comandante Acauan assumisse o comando vago na 3ª Companhia. Ele pertencia ao Batalhão, mas era excedente da 2ª Companhia, comandada pelo Capitão Alfeu Rodrigues de Barcelos, que também não capitulara. O Tenente Milton chegou ao alojamento da subunidade quando arrastavam o corpo do Tenente Atto para colocá-lo, ainda com vida, mas inconsciente, na padiola que o conduziu ao Hospital da Santa Casa de Misericórdia; seu uniforme ainda ficou salpicado de sangue. Ali foi recebido pelos Professores Luís Francisco Guerra Blessmann e Alfeu Bicca de Medeiros e os Drs. Oddone e Bruno Marsiaj. Na 10ª Enfermaria foi limpo o ferimento pelo Dr. Ricardo Weber. Nada mais era possível fazer e às 4 horas da madrugada expirava o mais simpático, pontual e correto companheiro de nossa turma.

O corpo foi levado para o Instituto Anatômico de Sardo. Junto à mesa da autópsia estavam os médicos legistas Alfredo Silveira Netto e Aureliano de Figueiredo Pinto se ajoelharam ante aquele corpo inerte, tão jovem e tão cheio de esperanças. O corpo foi velado em casa de seus tios Harmódio e D. Alsina de Araújo Franco, na Rua dos Andradas, altos da Farmácia Firmino. De lá saiu para a Igreja das Dores, onde foi realizada missa de corpo presente. Fato digno de registro é a passagem do féretro pelo antigo Arsenal de Guerra, quando a guarda formou em frente ao estabelecimento e o Major Elpídio Martins – há pouco desaparecido (1961) – deu a voz de comando: “Em continência ao herói, apresentar armas!” Era uma homenagem da revolução, prestada por um dos seus líderes. Seria, também, a última que o Exército lhe prestava? Não.

Houve outras e ainda falta a última: perpetuar-lhe o nome glorioso numa praça, no próprio local onde ele tombou, demolido hoje o velho quartel do 8º, do 25º, do 10º, do 7º e da Polícia do Exército, para dar hoje lugar ao belo Viaduto Loureiro da Silva, obra imperecível do grande amigo e Prefeito Engenheiro Telmo Thompson Flores.

A 23 Nov 1931, por exemplo, o Chefe do Governo Provisório Dr. Getúlio Vargas o promovia, post-mortem a Capitão, a pedido de Alcides Etchegoyen, que comandara, na revolução, as forças que atacaram o quartel que ele jurara defender. Também a 18 Abr 1933 seus irmãos recebiam do Comandante da 3ª Região Militar General José Maria Franco Ferreira a espada que tanto soubera honrar e se julgava extraviada. Ainda a 10 Nov 1942, o Comandante do 7º, Tenente-Coronel Nestor Souto de oliveira, e o da 3ª Companhia Capitão Diógenes Nunes de Assunção – também mais tarde sacrificado à sanha assassina de um cabo desvairado

– inauguravam-lhe o retrato do gabinete de comando da subunidade que ele comandara, com tanta dignidade e honra.

Julgamos que também esta não foi a derradeira homenagem de seus companheiros. O General Breno Borges Fortes, atualmente (1961) no comando do III Exército e seu ex-instruendo na Escola do Realengo – projeta restaurar, na área do quartel do I/18º RI réplica do pórtico do antigo quartel do 7º na Praça da Argentina e ali colocar uma placa de bronze, a relembrar o feito do Tenente Corrêa Franco em 1930. Talvez pela amizade que nos ligava e pelo respeito à sua memória honrada, ainda insistimos em que, se, nas construções que se projeta, ficar uma área gramada, lhe seja dado o nome do Capitão Atto e colocado seu busto em bronze.

Escrevemos estas linhas – traçadas apressadamente, assoberbado por uma série de inúmeros compromissos – para que o nome de Atto Corrêa Franco, incluído nesta galeria dos brasileiros mais ilustres de seu tempo, não caia no olvido. Ainda há pouco tempo, avesso à publicidade, tivemos que mandar uma carta do “Correio do Leitor” rebatendo uma notícia em que mal informado historiador afirmava que, no 7º, havia sido sacrificado o “Tenente Athos de Moraes Fortes”. Este é civil e distintíssimo advogado e não poderia haver maior desleixo e desídia na citação de um fato histórico, ocorrido na mesma cidade, há menos de 40 anos...

A homenagem da cidade, que aqui sugerimos, serviria de exemplo à geração atual – que despreza as tradições, os postulados de honra dos Soldados da Pátria e desconhece os fatos marcantes de nossa História – perpetuando o gesto imortal de um moço de menos de trinta anos, que sacrificou ao dever militar e ao juramento prestado, seu ideal de regeneração dos costumes, que era o programa da Aliança Liberal, onde nós o alistáramos e a cujos candidatos ele deu seu voto sincero.

O episódio, que merece sempre lembrado, “congraçou” – na frase encantadora e profundamente sincera do ilustre confrade e amigo Dr. Moisés Vellinho – na mesma atitude de reverência, como a um toque pungente de silêncio, aqueles poucos que não formaram com as legiões rebeldes e, do outro lado, o Rio Grande em peso, que se inflamara de entusiasmo à pregação da Aliança Liberal e agora se ativava a peito descoberto, contra os redutos da legalidade.

Dando o nome de “Praça Capitão Atto Corrêa Franco”, ela “irá cobrir de sombras e de flores o próprio local que ele dignificou com a sua bravura”, palavras ainda do consagrado escritor e amigo, cujo artigo, publicado no “Caderno de Sábado” de 17 do corrente, teve tão alta e simpática repercussão.



## REMEMORANDO 3 DE OUTUBRO DE 1930, EM PORTO ALEGRE

Dr. Eduardo Cunha Müller(\*)

**N**o dia 3 de outubro de 1930, em Porto Alegre eclodiu o movimento revolucionário que pôs fim à chamada República Velha.

Iniciado às 17:30 horas, com o assalto e a tomada do Quartel-General da 3ª Região Militar, logo se alastrou por todo o Território Nacional, culminando com a deposição

do Presidente Washington Luis e a tomada do poder por Getúlio Vargas, dando início ao Governo Provisório.

O Jornalista Nilo Ruschel, no seu Livro Rua da Praia<sup>2</sup>, narra com precisão o combate travado transcrevendo, inclusive, uma entrevista concedida pelo General Honorário Flores da Cunha, Comandante da operação militar.

Vamos ao relato:

## Na Rua da Praia, teve começo,

em Trinta, o movimento de contestação que o Rio Grande lançou contra os processos políticos da chamada “República Velha”. É sabido que muitas das confabulações se desenrolaram, entre chás com torradas, nas mesinhas da Confeitaria Central.

O seu grande articulador, Osvaldo Aranha, que havia deixado a Secretaria do Interior para ter os movimentos mais livres, não andava confinado em secretos lugares para conspirar. Ainda pela manhã do dia 3 de outubro, ele foi visto caminhando pela Rua da Praia, um pouco apressado, é verdade, e com ar de certa preocupação. Mas isso nem chamava a atenção, tanto havia sido marcada e desmarcada a Hora H. As autoridades federais, elas próprias, já teriam afrouxado a vigilância. De maneira que a vida decorria normal ao longo de toda a Rua.

Tiroteios não eram propriamente novidade. Até poucos anos antes, eles constituíam distração de gente sem assunto. Por isso, quando, às

(continua)

---

<sup>2</sup> RUSCHEL, Nilo. Rua da Praia. Porto Alegre: Prefeitura Municipal, 1971.

cinco e meia da tarde, ouviram-se tiros lá para os lados da Igreja das Dores, não chegou a haver correrias nos primeiros momentos. Alguns fregueses vieram até as portas dos cafés e das barbearias, para conferir.

Mas viram que havia coisa quando o tiroteio se tornou insistente e, ao mesmo tempo, um grupo de paisanos assaltava o prédio dos Correios, outro o Banco do Brasil, tudo ali nas barbas do povo. Então se notou intensa movimentação de curiosos, na direção de onde vinham os tiros. Tinha estourado mesmo a revolução. E o povo correu para ver.

E do que aconteceu a partir daquele instante, os contemporâneos, cada um tem o que contar. Eu mesmo poderia dar a minha achega, para lembrar o dramático episódio que a rua viveu.

A deflagração do movimento estava assim determinada: Osvaldo Aranha, com um grupo, atacaria o Quartel General, e Flores da Cunha, com outro, o Quartel de Subsistência, ou Arsenal de Guerra, na outra extremidade da quadra.

A discrição, até o último instante, perdurava. Osvaldo apenas telefonou para casa, recomendando a seu irmão, Euclides, algumas providências de ordem doméstica, relacionadas com os cuidados que deveriam cercar a mãe de ambos. E pediu-lhe que estivesse, pelas cinco da tarde, no quartel da Guarda Civil. Lá chegando, Guido já encontrou seus outros irmãos, Ciro e Lulú. Foi quando Osvaldo lhes anunciou o ousado golpe, dizendo:

– “O pelotão que vai atacar o QG será uma força de sacrifício, e eu quero que os meus irmãos participem junto com os guardas”.

No ímpeto do ataque, Guido Aranha só viu o guarda estendido na calçada, com os miolos reventados, e outro que rodopiou com um tiro no coração. O sangue que esguichava desenhou um círculo vermelho sobre o muro.

Lulú Aranha, chegando à janela do primeiro andar, para anunciar que o quartel estava tomado, quase foi colhido pela rajada de metralhadora que estava sendo usada pelo Tenente Noêmio Ferraz, desde o quartel da Brigada, como cobertura aos atacantes.

Mas tenho coisa mais valiosa. Tenho o depoimento falado de um dos condutores do movimento, o General José Antônio Flores da Cunha, que recolhi para o “Arquivo de Vozes” criado por mim na Rádio da Universidade. Isso um mês antes de falecer o “último caudilho”. E assim,

vou dar a palavra ao próprio Flores e deixar que a entrevista decorra *in natura*, na espontaneidade de uma conversa.

\*

– “General, não deixe entrar no quarto de meu pai, pois ele vai se matar”. Essa frase, digna de uma patricia romana, foi dita pela filha do General Gil de Almeida, comandante da Região, conforme o relato de Flores.

– “Eles exigiam de mim que eu me fardasse de General – eu já era General honorário – para prender o Gil. Quando eu entrei no Quartel General, dos apartamentos da família, no primeiro andar, a filha dele veio direto, muito correta, e me disse: “Não deixe entrar no quarto de meu pai, que ele vai se matar”. E eu digo: “vá lá, tire o revólver dele”.....”ninguém entra lá”. Era muito varonil essa moça, sabe? Dizem até que ela meteu o revólver na barriga de um tal Lamaison, um grandote que tomou parte no ataque. De Passo Fundo. Mas essa moça procedeu com muita varonilidade”.

– General, esse ataque ao quartel-general foi muito duro, não foi? Perguntei.

– “Foi muito duro. Foi uma coisa brutal. Mas aquele... Olhe você, eu já estou pra morrer, estou velho e doente, mas vocês são moços. Aquilo foi um ato que não se reproduz muitas vezes no mundo! Trinta guardas-civis, com um comandando por fora, que saíram dali dos fundos da Brigada Militar, onde era a Guarda-Civil – onde nós estávamos eu, o Collor, os meus filhos, o Osvaldo – eles saíram como para serem distribuídos para o policiamento. E saíram assim: pep...pep...pep... Quando frontearam aquele ângulo morto do Quartel da Região, o Costa (um gordo, que depois um guarda-civil, companheiro dele, matou, por causa da mulher, no meu governo) disse: – “À carga!...” O sentinela que estava à porta do quartel-general, eu nem vi o fim que deram nele, porque vi que atiraram ele para dentro. E subiram. Aqueles que na rua, à mão limpa, chê, só foram arrancar as armas, os revólveres, depois que o comandante gritou “À carga”... que... que gesto... (voz embargada) daquela gente! À mão limpa! Trinta homens! Mataram três ali... Esse Costa, gordo, deram-lhe um tiro na cara que... assim,, Eu ainda fui encontrá-lo no segundo andar, com os oficiais da Região atrás dos birôs e ele com dois revólveres. Eu é que fiz baixar e

tirei... aquele menino Cunha, que foi casado com uma Irulegui, aquele coronel, eu tirei a ele, tirei os outros – fiz ele baixar os revólveres, e os levamos lá pro quartel da Brigada, ouviu? Ele apontava os revólveres e a cara, assim, pingando sangue... O gordo. Depois um guarda-civil matou ele, no meu governo, no volante do automóvel. Estava com a mulher do outro, o outro veio e matou...

– Mas atrás dessa vanguarda, da Guarda-civil, naturalmente vieram, vieram... não veio reforço nenhum? Pergunto.

– “Não, senhor. A Brigada Militar, a oficialidade toda era contra o movimento. Estava na calçada, vendo matarem os guardas-civis, e tudo assim... (gesto) de braços cruzados! O único, o único que atirou do...”

– “Cuidado... isso... cuidado com essa afirmação sobre a Brigada Militar” – aparteia o irmão do entrevistado.

– “Não, não! Não tem nada! É sabido! A parte da Brigada que tomou parte – ouviu Chico? – a parte da Brigada que tomou parte lá na Rua de Sant’Ana, perdeu muitos praças, portou-se esplendidamente. E a que veio atacar o Sétimo, no Beco do Oitavo, por trás do Sétimo, se portou muito bem. Mas aquela oficialidade que estava ali na frente do QG da Brigada, assistiu tudo assim... tudo de braços cruzados. Tanto que só botou um FM no primeiro andar, esse que era aviador da Brigada, o...

– Noêmio Ferraz? Ajudo eu.

– Noêmio Ferraz, que deu umas descargas nas janelas do quartel-general, lá... Esse foi. Ninguém mais. Tanto que um guarda-civil, quando eu cheguei na porta do quartel-general, para não pisar nos miolos dele, eu passei por cima, saltei, porque um tiro, parecia... assim... levou duas circunvoluções... e os miolos estavam a um ou dois metros do corpo”.

– Eu escorreguei ali... eu escorreguei em cima – aduzi.

– Vou lhes contar: aquele guarda-civil era irmão da negra que criou os meus filhos. Eu não sabia... Da Nicácia, ouviu? Bem. Tanto que quando eu cheguei ao ângulo morto do quartel-general, gritei lá para os oficiais da Brigada Militar:

– “Tragam uma padiola para levantar este homem!”

E de lá me respondeu aquele Coronel, Coronel Felício de Almeida – foi Comandante da Escolta, depois foi meu prefeito em Iraí, meu prefeito em Viamão – aquele... diz assim:

– “Nós não temos padiola!” E eu digo: “tragam”... heim?

Quando entrei no pátio do quartel-general, no rés do chão, já se quadrou para mim, fez continência, o ajudante de ordens do Gil, ali – um rapaz bravo, bravo mesmo. Depois foi morar em São Paulo... O Sebastião Dalídio Menna Barreto. Era 1º tenente. Ele disse, deu o nome e disse:

– “Parei de atirar porque não tenho mais munição!”

Digo: “Baixe a mão, tenente.” Bom. Um touro, esse homem. Portou-se como um touro ali. Então eu entrei no pátio, no rés do chão – e Osvaldo já estava – e ali esse que depois foi chefe da Casa Militar do Getúlio, Firmo Freire do Nascimento, estava lá junto da Igreja das Dores, mas ainda no quartel-general, deu um tiro de Mauser lá no Osvaldo. Quando entrei, o Osvaldo me disse:

– “Olhe, ele me atirou, olhe o buraco...” Na parede velha, havia um buraco, e então, todos os que entraram conosco querendo atirar no homem. E eu disse: Não atirem! Não atirem! E eu disse pra ele:

– “Desça daí!” Ele desceu e o aprisionamos. No limite do quartel-general com a Igreja das Dores. Ele ia subindo para pegar a torre de rádio e ver se se comunicava com as unidades... Ouviu? Firmo Freire... Depois foi chefe da Casa Militar do Getúlio. Interessante, ele... sergipano. Quando ele, às sete horas da noite, ficou ali no salão de honra do quartel-general, e eu... a gente entrava e saía... – mas já às sete da noite, continuava o Sétimo resistindo comandado por meu cunhado, Coronel Acauan...”

– Seu cunhado? – pergunto eu.

– “Marido da irmã de minha mulher. E eu... eu digo... olhe Coronel, o senhor está preso. Alferes! Eu vou levá-lo ali onde estão os outros oficiais da Brigada. E ele disse:

– “Eu não tenho gorro, e tal...” Então pegou-se um gorro de outro, que estava ali num cabide do corredor que dá para o pátio interior, e o gorro ficou à flor do cabelo dele, ouviu?

– E ele disse: “Estou armado”. E eu digo: “Me dê o revólver aí pro... esse que hoje é Tenente Coronel, da UDN, Braga de Menezes. E digo: entregue pra esse tenente”. Era subchefe da Guarda-civil. E levei-o. Atravessei a rua, do quartel-general do Exército para o da Brigada. Mas como ele – aquele tiroteio no Sétimo baixava pela rua e vinha... era forte o tiroteio... ele, baiano velho, oficial do Estado Maior, viu que estavam

resistindo... e quando chegou à porta da Brigada (vinham atrás de mim o Osvaldo, o Adalberto Corrêa) – eu de revólver na mão, dei um tiro! Quando chegou na porta do Quartel da Brigada Militar, ele disse pra mim:

– “Eu estou preso, mas os senhores não levarão a melhor!”

E eu digo: Por agora o senhor vai descansar, lá em cima. Mandei-o subir”...

– Não foi nessa ocasião que o Dr. Francisco Brochado da Rocha foi ferido num pé? – ocorre-me perguntar.

– “Foi. Mas, não ali. O senhor sabe que do lado de lá da Igreja das Dores tinha uma espécie de...”

– Arsenal?

– “Arsenal. E dali estavam atirando muito. Em mim, me caiu um reboco da parede no chapéu. Estavam atirando. Então eu fui pro lado de lá, pra ver donde vinha aquela resistência. Foi ali que foi ferido no pé o menino Brochado da Rocha. E eu e meus filhos, que estavam comigo, que gritaram:

– “Saia daí, papai!” Diz o... “olha o reboco que está lhe caindo no chapéu!” Estavam atirando de pontaria, de dentro do Arsenal. Esse menino foi ferido junto de mim. No pé. Cortou. O Chico, Chico Brochado...”

Não vi mais o bravo político rio-grandense, de tão discutida legenda. Poucos dias depois, ele falecia. Era portador, sem dúvida, das virtudes e dos defeitos que marcaram as figuras mais representativas do Rio Grande, numa fase que já dobrou a esquina da história. Ornado de rasgos de generosidade, marcado por impulsos extremados, que o levaram a ser admirado por muitos, combatido por outros tantos. Estava extremamente envelhecido pela enfermidade, magro, alquebrado. Mas não esquecerei a transfiguração da sua fisionomia, quando, no entusiasmo da narrativa – longa narrativa, de que tirei apenas esse trecho – os seus olhos cintilavam, com um lampejo ainda da mocidade distante.

Foi o depoimento mais impressionante sobre um episódio, sem dúvida, o mais dramático, vivido pela Rua da Praia.

Em 1930, meu avô, General Professor Eduardo Martins Müller, era Primeiro Tenente de Infantaria e servia no Quartel General da 3ª Região Militar.

Plenamente Identificado com o Movimento Revolucionário em gestação, procurava, diuturnamente, aliciar os militares ainda indecisos.

Afeiçoado ao Comandante da 3ª Região Militar – General Gil de Almeida – tentou cooptá-lo, diante da sua inevitabilidade, para a Revolução, da qual poderia tornar-se o Chefe Militar.

Sabedor das ações do então Tenente Müller, o Chefe do Estado-Maior da 3ª Região Militar – Tenente Coronel de Cavalaria Firmo Freire do Nascimento – advertiu-lhe severamente, chamando-o de “Tenente Boateiro”.

Vitorioso o Movimento, meu avô, pelos relevantes serviços prestados à Revolução, foi nomeado Ajudante de Ordens do novo comandante da 3ª Região Militar – Coronel João Carlos Bordini.

Logo se iniciaram as adesões por aqueles que haviam sido contrários à Revolução, encargo atribuído ao Tenente Müller.

Certo dia, recebe o aviso de que o Tenente Coronel Firmo Freire – preso, junto com outros oficiais, em navio fundeado no Porto da Capital, com “carta de prego”<sup>3</sup> – desejava aderir à Nova Ordem.

O Tenente Müller, diante das admoestações que havia recebido do referido oficial, fez questão de levar-lhe pessoalmente, o Termo de Adesão, perguntando-lhe: “*a eclosão do Movimento Revolucionário não era boato, Coronel?*”

Contrafeito, o coronel firmou a sua adesão.

Como dizia o grande Historiador Assis Cintra, na sua obra: “são Histórias que não vem na História”.

In fine: O Coronel Firmo Freire, que chegou ao posto de General de Divisão no Governo Vargas, foi ainda Chefe da sua Casa Militar!

Coisas da Política!

(\*) Acadêmico Emérito da AHIMTB/RS – antigo ocupante da Cadeira General Valentim Benício.



**Editor:**

**Luiz Ernani Caminha Giorgis, Cel Presidente da AHIMTB/RS (lecaminha@gmail.com)**

**Sites: [www.ahimtb.org.br](http://www.ahimtb.org.br) e [www.acadhistoria.com.br](http://www.acadhistoria.com.br)**

**Site do Núcleo de Estudos Estratégicos/CMS: [www.nec.cms.eb.mil.br](http://www.nec.cms.eb.mil.br)**

**Site do Núcleo Militar de Gramado: [www.nuclev.com](http://www.nuclev.com)**

**Blog da Delegacia da FAHIMTB/RS em Recife, PE – Delegacia Heróis de Guararapes:**

**<http://historia-patriota.blogspot.com/>.**

**Nota do editor:** na página seguinte, a correspondência trocada entre Lindolfo Collor, Oswaldo Aranha e outros em relação à preparação dos atos revolucionários (Fonte: Pinterest, com acesso em 10 Out 2020).

<sup>3</sup> A expressão «carta de prego» significa, de acordo com o Dicionário de Expressões Populares Portuguesas, de Guilherme Augusto Simões, «carta fechada que só será aberta em local determinado e que contém instruções».

Presados amigos: Segue esta carta por portador especial, afim de levar-lhes a sciencia de que as nossas combinações no Rio tiveram aqui integral approvação. A palavra de honra por mim empenhada será honrada pelo Rio Grande todo, nos precisos termos da acção por nós assentada. Envio-lhes meu affectuoso abraço.

*Amigo do Rio*

Confirmo entodos os seus termos a palavra de Coler, convencido de que todos responderão aos seus compromissos. Nos honraremos a qualquer custo os nossos. A situação definitiva e a seguinte: 1) deflagrar o movimento sera simultaneo em todo o paiz. Para isso cumpre ao Rio: 1) deflagrar o movimento dia treis, sexta feira, es 17<sup>h</sup> horas (cinco e meia da tarde); 2) nesse dia, a mesma hora, levantar-se-a o Rio Grande; 3) nada modificare esta decisão, ultima e irrevogavel. O movimento no Rio deve, no minimo, desarticular o Governo, perturbando por todas as formas as direções civis e altos commandos militares. A presente ligação só deve ser communiçada ao Djalma Dutra para orientar a sua acção em S. Paulo, e a um official de capacidade, que a direcção do Rio deve fazer seguir para Matto Grosso, afim de assumir o commando dos nossos elementos, tomando por base Campo Grande. A perturbação do Rio, se não victoriosa, deve ser mantida o maior tempo possivel, facilitando assim a acção nos demais estados. As demais ligações e providencias, inclusive a communicação da data, mesmo para Minas, ficam unicamente a nosso cargo. Cumpre-me chamar attenção dos amigos de que unicamente nos signatarios e destinatarios desta somos os actuaes conhecedores da data. Affectuosemente

Porto Alegre, 25/9/930

*Quaifortan*